



Resenha

CARLOS, Ana Fani Alessandra.; Cruz, Rita de Cássia Ariza da (orgs.). **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019, 256p.

Por *Gustavo Henrique Cepolini Ferreira*

da Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

gustavocepolini@usp.br

A coletânea – A necessidade da Geografia – organizada pelas professoras e pesquisadoras Ana Fani Alessandra Carlos e Rita de Cássia Ariza Cruz publicada no segundo semestre de 2019 responde importantes indagações do tempo presente, quais sejam: A Geografia permanece necessária? Como? Qual sua contribuição, hoje, para o conhecimento nas Ciências Humanas? Trata-se de uma obra oriunda de pesquisadores e pesquisadoras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, cujos capítulos sintetizam conceitos, abordagens e problemáticas inerentes à realidade brasileira as quais são indissociáveis de uma leitura hodierna e engajada do mundo, sobremaneira, no século XXI¹.

O livro está estruturado em três partes: 1 - Espaço e território, 2 - Região, metropolização e lugar e 3 - Natureza, paisagem e cultura, as quais são precedidas de uma introdução elaborada pelas organizadoras. Ao final dos dezenove capítulos escritos por vinte autoras/es, pode-se verificar um breve currículo de cada um deles.

Na Introdução, as organizadoras Ana Fani e Rita de Cássia reforçam o tom do livro como um projeto coletivo tecido por muitas mãos e encontros para pensar o mundo em que vivemos a partir de diferentes conceitos e abordagens que sustentam a Geografia. Os capítulos, cada um ao seu modo, bem como por intermédio de distintas matrizes teóricas e metodológicas, debruçam-se sobre os conceitos fundamentais à realização da leitura da ciência geográfica em um mundo em profundas e rápidas transformações a partir do contexto brasileiro. Nesse contexto, reafirmam a importância do tempo lento da investigação sem descuidar da tarefa de uma Geografia socialmente engajada com o futuro da sociedade.

A primeira parte - Espaço e Território, inicia-se com o capítulo 1 – Uma Geografia do espaço de Ana Fani Alessandri Carlos por meio de uma eloquente síntese do objeto de estudo da

¹ A coletânea teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, recursos PROEX.

Geografia no bojo da história do pensamento geográfico, ou seja, apresenta a ruptura da Geografia Clássica a partir dos anos 1970 e o avanço da relação espaço-sociedade sob a perspectiva do materialismo histórico. Nesse ínterim, a autora aborda, ainda, o espaço da vida como ponto de partida, o conceito de espaço é formulado na prática social, uma proposta de definição (o espaço como condição de realização da vida, como mediação da ação que produza a vida e como produto – trabalho humano etc.) e o subitem sobre a Necessidade da Geografia expondo, portanto, o caminho da crítica articulado ao ato de conhecer, ao método e as categorias de análise diante das crises de acumulação que fundam esta sociedade desigual.

No Capítulo 2 – Um conceito concreto de escala, de César Simoni Santos, o autor tece importantes reflexões sobre a bifurcação histórica para as/os geógrafas/os, ou seja, os sentidos da noção de escala. Tal bifurcação na acepção do autor ocorre em função da proximidade natural e histórica da Geografia com as técnicas, o conhecimento e a ciência cartográfica. Nesse devir, salienta que a Geografia se apropriou de uma noção de escala advinda das representações cartográficas sem se preocupar com uma noção propriamente geográfica da escala. Por isso, tece fecundas leituras sobre a desmaterialização do conceito de escala a partir de diferentes autores e escolas geográficas apresentando uma linha entre a ontologia e a epistemologia.

Na sequência, o capítulo 3 – O espaço como representação, de Fernanda Padovesi Fonseca, trata da função do mapa e também da imagem na Geografia, tendo como referência a existência de uma virada cartográfica. As análises e proposições da autora remetem à questão por que a necessidade da Cartografia? Nesse sentido, salienta importantes contribuições ao debater a imagem e o mapa no contexto imagético da Geografia em consonância com os novos desafios teóricos para os mapas e a virada cartográfica, entre eles o desafio de enfrentar e expressar as novas dinâmicas espaciais presentes na realidade contemporânea.

O capítulo 4 – O espaço da política de Wanderley Messias da Costa, retoma o amplo debate inerente à relação sociedade-espaço enfatizando a dimensão política no bojo dos temas da Geografia e das Ciências Sociais. Assim, o autor reitera seu objetivo ao examinar criticamente as trajetórias deste campo de estudo sob o rótulo de Geografia Política. Afirma ainda que os geógrafos inventaram a Geografia Política e deram sustentação teórica e empírica à Geopolítica há mais de um século e meio. Com isso, examina as concepções e aplicações pelo Estado Nacional e os desdobramentos atuais inerentes às atuais políticas territoriais brasileiras e seu intrínseco encontro Regional – Amazônia, América do Sul e Atlântico Sul. Por fim, ressalta a teoria e sua comprovação na prática de que o poder é indissociável da política e, portanto, configura-se em relações internacionais como uma tendência dos Estados a sobrevalorizar a soberania, o interesse nacional e o fortalecimento da sua posição na geopolítica mundial.

No capítulo 5 - Planejamento e produção do espaço de Isabel Pinto Alvarez, nota-se uma importante contribuição ao delinear o planejamento como um modelo de ser do Estado sobre o espaço. A autora corrobora com a relação entre planejamento e produção à luz de uma leitura teórico-metodológica e crítica. Ressalta-se que as concepções se fundamentam na produção do espaço capitalista e, por conseguinte, reveladas nas desigualdades e segregação. Trilha-se um caminho crítico para interpretar as relações entre planejamento e produção do espaço para construir outro futuro que supere as perversas condições atuais de reprodução social.

O capítulo 6 – A fronteira da territorialização do capital, de Carlos de Almeida Toledo, inicia-se com a problematização do conceito de fronteira a partir da obra *O Estado Isolado* de Von Thünen como referência da Geografia Econômica. Assim, o autor busca debater tal conceito a partir da formação dos Estados nacionais de origem colonial, especialmente o Brasil. Para tecer tais análises, utiliza-se da problematização da territorialização do capital entendendo suas nuances e conflitos, os quais são debatidos nos tópicos do capítulo: Naturalização da fronteira do Estado Nacional na riqueza das nações, Um clássico da geografia econômica e a fronteira do estado Isolado, A autocrítica de Von Thünen, A resposta pueril de Von Thünen e O fim da região? A metropolização da fronteira puerilidade real. Tais leituras são atuais para compreensão da superacumulação na sociedade mundializada em curso. Por isso, a expropriação segue vigente, assim com as fronteiras.

Já no capítulo 7 – Campesinato, modo de vida e território, de Valeria de Marcos, nota-se uma reflexão atual sobre o campesinato como classe no capitalismo, permeado ainda por um modo de vida singular constituindo os pilares da agricultura camponesa em contraposição ao agronegócio. A autora salienta o arcabouço de leituras que tratam da resistência camponesa frente à mercantilização da vida com o agronegócio e seus desdobramentos no campo brasileiro. Para trilhar tais análises, os tópicos: O “agro” e a questão agrária na atualidade, A natureza e lógica da agricultura camponesa, Quando modo de produzir a vida conforma o território e A Necessidade da Geografia para compreensão do agro dão sustentação às formulações para compreender o campesinato à luz da Geografia como uma possibilidade, ou seja, uma necessidade urgente. Por isso, a pesquisadora afirma que a compreensão diferenciada do território do agronegócio e do campesinato é fundante, pois o agro é mais que “pop, tech, tudo” é diversidade, solidariedade, insubordinação, construção coletiva, é Geografia camponesa.

O último capítulo da primeira parte intitula-se *O “território” da geopolítica*, de André Roberto Martin. Ele é iniciado pela explicação da geopolítica na sua acepção comumente atrelada à guerra. Destarte, o pesquisador esmiúça os significados atuais da Geopolítica, ao passo que a ciência elucida sua capacidade perante os conflitos contemporâneos. Destacam-se, ainda, os quatro eixos, ou seja, as ameaças que pairam sobre a humanidade, quais sejam: 1 – a

possibilidade de uma conflagração mundial ainda na primeira metade do século XXI; 2 – os impactos ao meio ambiente e o aquecimento global; 3 – o impacto advindo com as novas tecnologias disruptivas sob a organização social e cognitiva e 4 – a dicotomia norte/sul no bojo da economia, bem como geopolítica, pois as dicotomias provocam consequência de diferentes formas no âmbito da globalização, tais como aumento do narcotráfico, das migrações e da transmissão de doenças. A atualidade dessas proposições segue os demais itens elencados pelo autor: o projeto neoliberal de integração do mundo e os seus limites, uma terceira guerra mundial é plausível? E sobre a teoria da terceira guerra mundial (com três cenários analíticos – questão ucraniana, o ovo da serpente – Oriente Médio e a guerra híbrida contra à Venezuela). São leituras fecundas, sobremaneira, com a Pandemia da COVID-19 e o caos nas condutas entre as potências hegemônicas e o “resto do mundo”.

A segunda parte intitulada Região, Metropolização e Lugar contém cinco capítulos, cujos desdobramentos perpassam o modo como a produção do espaço ganha materialidade na ideia e conceituação de região, metropolização e de lugar. No capítulo 9 – Região e Geografia Regional, de Elvio Rodrigues Martins, o autor tece fecundas leituras sobre o atual desenvolvimento da Geografia Regional em consonância com o conceito de região no bojo dos estudos geográficos. Para desenvolver tais análises, retoma autores clássicos, quais sejam: Pierre Dumolard, Etienne Juillard, Daniel Faucher, Armand Frémont e Vidal de La Blache que construíram o que denominamos de teorias da região. No contexto brasileiro, ressalta as contribuições de Fabio Macedo Soares de Guimarães, Pedro Pinchas Geiger, Milton Santos, Sandra Lencioni e Rogerio Haesbaert. Nas considerações, reafirma que há uma retomada da Geografia Regional que deve ser acompanhada de uma fundamentação teórico-epistemológica para os estudos regionais, em organismos de Estado associados ao planejamento territorial, assim como sua aderência ao Ensino de Geografia.

Já no capítulo 10 – Metropolização do espaço, escrito por Sandra Lencioni, nota-se a centralidade da dinâmica espacial como um processo da produção do espaço, cujas divergências são comuns. Assim, a pesquisadora enfatiza o conceito de metropolização indissociável aos conceitos de cidade e do urbano. Reafirma ainda a relação intrínseca com o conceito de metrópole. Nesse sentido, propõe que a metropolização é o momento no qual o urbano e o mundial se fundem e são modificados com base nas forças do capital.

O capítulo 11 – O lugar na Geografia, elaborado por Glória Alves e Francisco Capuano Scarlato, está pautado no conceito de lugar nas investigações geográficas, assim reconhecem suas nuances e trajetórias com a vida cotidiana. Os pesquisadores resgatam os inúmeros sentidos do conceito de lugar nas escolas do pensamento geográficos e propõem a abertura de um diálogo com os estudiosos para avançar com as proposições e reflexões científicas. No

capítulo 12, intitulado O lugar e o plano do vivido, escrito por Amélia Luisa Damiani, a pesquisadora aborda sua exímia visão de mundo pautada na teoria e na prática, seguido de apontamentos sobre o plano do vivido em Lefebvre (1980) nos estudos geográficos e outros desdobramentos relacionados com a concepção de lugar. Nesse contexto, destaca-se o legado da Geografia por intermédio da importante relação entre o meio geográfico e ressalta o lugar e o vivido como atributos para apreensão da problematização científica.

Já no capítulo 13 – O lugar-mercadoria de Rita de Cássia Cruz, a autora trata do conceito de lugar – *localis* e *locus* para além da redução de escala e localização. Com isso, trilha sua compreensão de lugar na contemporaneidade a partir dos seguintes elementos: o lugar como locus da reprodução da vida, o lugar como objeto do planejamento urbano: os casos de *placemaking* (processo de transformação urbana, uma ferramenta uma filosofia) e do *place branding* (perda de uma perspectiva humanista em função do crescimento vertiginoso das cidades, entre outros desdobramentos)² e o lugar como mercadoria para o turismo. Tais leituras convergem para o lugar-mercadoria como todo lugar com existência material, seja no turismo, ou nos demais mercantilizados em função do interesse imobiliário, do agronegócio, do industrial, entre outros. Por isso, sintetiza que tal lugar-mercadoria é a contradição atrelada à reprodução da vida no seio do modo de produção capitalista.

A terceira e última parte da coletânea intitula-se Natureza, Paisagem e Cultura e contém seis capítulos, os quais remetem ao amplo e histórico conceito de natureza, sobremaneira, a partir de uma perspectiva de ruptura com o “espaço natural” para desvelar o mundo no bojo da produção social em constantes movimentos.

O capítulo 14 – Natureza e sociedade, desenvolvido por Marta Inez Marques, destaca uma contribuição intensa para a desnaturalização e superação do conceito de natureza no seio da sociedade burguesa a partir dos ideários da ciência moderna e do dualismo epistemológico advindos dos estudos da natureza e sociedade. Desse modo, a autora indica fecundas reflexões por intermédio do materialismo dialético, em consonância com alguns conceitos elementares, quais sejam: produção da natureza e de metabolismo entre sociedade e natureza. Para concretizar tais análises, o texto é estruturado com os tópicos: o conceito moderno de natureza e seus críticos, materialismo dialético, Filosofia das relações internas e o conceito de natureza, produção da natureza e o metabolismo sociedade e natureza e considerações finais. Trata-se de uma proposição para romper com o dualismo que se baseia na constante divisão entre as ciências da natureza e as ciências sociais.

No Capítulo 15 – A natureza na Geografia, de Antonio Carlos Colangelo, parte-se de uma possível definição Geografia em consonância com o conceito de natureza para,

² Conforme citações de Esteves (2016) realizadas pela autora.

posteriormente, tecer algumas considerações sobre uma visão da estrutura e dinâmica dos sistemas naturais a partir de um caminho e um modo de pensar a natureza do ponto de vista da Geografia Física. A definição de mundo natural no bojo dos estudos geográficos é sintetizada pelo autor por meio dos tópicos: antropomorfização da maturação e desumanização do homem, estrutura e dinâmica dos sistemas naturais na superfície das áreas continentais, equilíbrio e dinâmica nos sistemas de relevo e solo e paisagens naturais do globo terrestre. Nesse contexto, o pesquisador reafirma o imenso desrespeito do homem sobre o mundo natural e as consequências do antigo projeto de dominação sobre a natureza em escala mundial.

O Capítulo 16 – Natureza, ambiente e conflito, de Larissa Mies Bombardi, sintetiza uma profícua discussão com base na concepção de que a questão ambiental é uma questão social no desenvolvimento do capitalismo. Nesse devir, a sua reprodução ampliada pressupõe os conflitos ambientais e sociais como conflitos geográficos. Para tecer tais considerações, a autora divide sua reflexão por meio da mercantilização da natureza, o avanço do capitalismo no campo e de uma nova forma de violência, agronegócio, agrotóxicos e conflitos no campo, a chamada Revolução Verde e a varredura social e ambiental dos campos. No decorrer do capítulo, a pesquisadora cita Chico Mendes para revelar parte da lógica do capital ao transformar a natureza em mercadoria, destaca na sequência um breve arcabouço teórico e estatístico materializado nos gráficos e mapas sobre a utilização de agrotóxicos no Brasil como uma nova faceta da violência no campo brasileiro em consonância com a mundialização do capital.

Já no capítulo 17 – Guerra cultural e multiterritorialidade, elaborado por Rodrigo Valverde, apresenta-se a polissemia e imprecisão do conceito de cultura em consonância com os desdobramentos nos estudos geográficos, sobremaneira, a partir das consequências conflituosas no mundo globalizado. Para tecer tais leituras, o autor propõe duas noções estratégicas para pensar a Geografia relativa ao campo da cultural no contexto mundial, quais sejam: as multiterritorialidades e as guerras culturais. Nesse contexto, salienta suas contribuições nos tópicos: o caráter territorial das guerras culturais, cultura e multiterritorialidades, desafios analíticos e geopolíticas culturais. Tais desdobramentos apontam, na atualidade da ciência geográfica no século XXI, a interpretação das práticas culturais por meio de um vínculo territorial.

O Capítulo 18, intitulado – Paisagem, organizado por Sueli Ângelo Furlan, é uma imersão deste conceito estruturante no pensamento geográfico e, por isso, possui uma origem extensa e complexa. Assim, o objetivo da contribuição é justamente analisar as diferentes abordagens dos estudos da paisagem na ciência geográfica e refletir alguns aspectos teóricos da polissemia do conceito. Para tecer tais leituras, a pesquisadora sistematiza nas figuras (mapas conceituais e fotografia) o arcabouço das escolas geográficas como um percurso fecundo para

explicar e resumir as interações estudadas. São utilizados ainda os seguintes tópicos: Sobre as diferentes abordagens do conceito (a paisagem como sistema territorial, a paisagem como sistema simbólico, a paisagem: uma síntese de temporalidades, a paisagem acelerada e a paisagem funcional e habitat). Tais proposições remetem à síntese propositiva do conceito e abordagens geográficas e ecológicas como um caminho investigativo, pois uma paisagem é escrita sobre outras, com idades diferentes e heranças de vários momentos.

Por fim, no capítulo 19 – Interesse público e regulamentação ambiental, de Wagner Costa Ribeiro, o autor desvenda que o interesse público tem sido sistematicamente postergado nas últimas décadas em prol de uma ideologia de mercado, que apregoa menos Estado e mais livre iniciativa, indo em direção contrária quanto à regulação das ações humanas e dos impactos socioambientais. O pesquisador divide seus argumentos em três partes: meio ambiente e interesse público, desigualdade social e debate intergeracional e território e instrumentos de gestão ambientais, os quais seguem articulados na interpretação da sociedade de consumo (SANTOS, 1987) e seus desdobramentos nas camadas mais pobres, assim como na classe média. Trata-se de uma proposição respaldada pelo arcabouço territorial para seguir diagnosticando e, sobremaneira, propondo alternativas para superação dos inúmeros impactos que afetam o presente e comprometem o futuro ao colocar em risco milhões de pessoas.

A Coletânea responde às indagações enfatizadas pelas organizadoras e colocam outras tantas questões além da ciência geográfica, ao assumirem o papel social da ciência em um mundo complexo, desigual e em constante transformação. Reitera-se a necessidade da Geografia para compreender a realidade brasileira tanto no contexto da Pandemia quanto pós-Pandemia da COVID-19, cujo compromisso deve ser reafirmado frente à construção de uma Geografia preocupada com o presente e, sobremaneira, com o futuro como apregoado pelo geógrafo Milton Santos.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandra.; Cruz, Rita de Cássia Ariza da (orgs.). **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019, 256p.

ESTEVES, Caio. Place Making. *In*: ESTEVES, C (org.). **Place Branding**: identificando vocações, potencializando identidades, fortalecendo lugares. Santos: Simonsen, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de l'aviie quotidienne II**: Fondements d'une sociologie de laquotidienneté. Paris: Arche, 1980.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

Sobre o autor

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira - Bacharel e Licenciado em Geografia pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana-USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e PPGeo - UNIMONTES.

Recebido para publicação em fevereiro de 2021

Aceito para publicação em maio de 2021